

MORAN, Richard. *The story of my life: narrative and self-understanding*. Milwaukee: Marquette University Press, 2015. ISBN: 9780874621877, 55 páginas.

César Schirmer dos Santos  
Universidade Federal de Santa Maria

*The story of my life: narrative and self-understanding*, de Richard Moran, é a edição em livro de *The Aquinas Lecture in Philosophy* de 2015. A palestra foi apresentada na Marquette University no domingo, 22 de fevereiro de 2015. A série de Aquinas Lectures, iniciada em 1937, inclui palestras de John McDowell, Daniel Garber, Myles F. Burnyeat, Paul Ricoeur, Étienne Gilson, Werner Jaeger e muitos outros filósofos distintos.

Richard Moran é Professor Brian D. Young de Filosofia na Harvard University, onde trabalha desde 1995, onde chefiou o Departamento de Filosofia de 2003 a 2009. Ele se doutorou em 1989 na Cornell University, e lecionou na Princeton University entre 1989 e 1995. Antes de tudo, Moran é conhecido e reconhecido pela sua obra-prima *Authority and estrangement: an essay on self-knowledge* (Princeton: Princeton University Press, 2001), traduzida para o francês por Sophie Djigo e prefaciada por Vincent Descombes (*Autorité et aliénation: essai sur la connaissance de soi*, Paris: Vrin, 2013).

Nesta Aquinas Lecture apresentada em livro, Moran explora os contornos (e portanto os limites) do entendimento narrativo de si mesmo. O percurso de Moran tem três etapas. Primeiro, a rejeição do autoentendimento narrativo pelo narrador das *Memórias do subsolo*, de

Fiódor Dostoiévski, e pelo personagem Roquentin, de Jean-Paul Sartre. Segundo, a teoria do autoentendimento narrativo de Alasdair MacIntyre. Terceiro, o caso da narrativa trágica como contraexemplo à posição dos personagens de Dostoiévski e Sartre.

Adotando uma visão generosa sobre o alcance do termo “existencialismo”, Moran vê nos personagens de Dostoiévski e Sartre uma crítica existencialista à tese de que podemos viver nossas próprias vidas como se essas fossem narrativas. Narrativas dão forma e estrutura a eventos. Ao narrar a própria vida, o sujeito emprega a memória episódica para vincular eventos vividos a elementos sociais, como calendários, e elementos naturais, como as estações do ano, e as variações de cada dia, em cada lugar. Mas não é assim que os acontecimentos são vividos por cada um. A experiência em tempo real, em primeira pessoa, não conta com o benefício dessa conformação e estruturação. Assim sendo, a perspectiva do narrador só pode ser externa à perspectiva do sujeito que vive cada acontecimento, mesmo quando o sujeito está narrando sua própria vida.

As rumações do Homem do Subsolo, isto é, do protagonista anônimo do romance *Memórias do subsolo*, de Dostoiévski, são exemplo da rejeição da autenticidade das narrativas, ainda que de primeira pessoa. O Homem do Subsolo vê os outros ao seu redor como agentes dotados de qualidades estáveis e personalidades reconhecíveis. Contudo, ao voltar-se para si mesmo, tudo o que ele descobre é um conjunto de débeis decisões prontas a ser desfeitas, e traços de caráter que são minados pelo próprio fato de serem apontados ou descobertos.

Em consonância com o Homem do Subsolo de Dostoiévski, o personagem Roquentin, do romance *A náusea*, de Jean-Paul Sartre, enfatiza a diferença entre a perspectiva de uma vida humana retratada de fora e a perspectiva interior de quem vive a própria vida em tempo real. Vista de fora, a vida de cada um tem significado. Vivida de dentro, a vida de cada um carece de solidez e de sentido. Assim sendo, uma autonarrativa só pode ser uma mentira, pois verdadeiro é o acontecimento da vida, falsa é a narrativa. Viver e contar são duas coisas mutuamente excludentes.

Em suma, os personagens dos romances de Dostoiévski e Sartre se queixam da falha na correspondência entre a vida de cada um e o relato da vida de cada um. A vida de cada um é incerta e carente de forma, o relato da vida de cada um se orienta a um fim e é formatada por uma estrutura narrativa. Assim sendo, uma autonarrativa não pode gerar autoentendimento.

Na visão de Moran, os existencialistas em questão distorcem o autoentendimento narrativo ao focar apenas em narrativas que tentam, com sucesso ou não, capturar a vida tal como a vida é vivida. Isso é uma distorção da descrição da narrativa, pois narrativas trágicas – como a de Édipo – requerem que se ultrapasse o ponto de vista do protagonista, e também é uma distorção do autoentendimento, pois o reconhecimento retroativo de que participamos de fatos maiores com implicações e conotações que no passado não vislumbrávamos é capaz de revelar algo sobre nós mesmos.

Como contraponto aos existencialistas, Moran escolhe Alasdair MacIntyre. Para MacIntyre, a ação humana é conformada por uma estrutura narrativa. Vivemos em um mundo histórico, tomamos certos fatos como pertencendo ao passado e projetamos um futuro. Não há como possamos evitar essa estrutura ao entender a nós mesmos. É claro, podemos levar a vida de maneira incoerente, em maior ou menor grau, mas é justamente porque nossas vidas têm estruturas narrativas que podemos falar em incoerência. Mas nos reconhecemos em certos papéis sociais, como realizando certas ações e como responsáveis por certos eventos justamente porque nos entendemos de maneira narrativa.

Em favor da visão de MacIntyre, Moran põe em operação a teoria da ação intencional de Elizabeth Anscombe. Para Anscombe, uma ação pode receber diversas descrições diferentes, todas elas verdadeiras da ação. Um homem serra uma tábua sobre uma mesa com tampo de madeira, e acaba por, sem querer, danificar o tampo com o serrote. O homem serrou a tábua, o homem serrou o tampo. No entanto, se perguntássemos ao homem, durante a ação, o que ele estava fazendo, ele se descreveria como serrando a tábua, mas não como serrando o tampo. Uma descrição dá conta da ação intencional do sujeito em um quadro temporal maior, outra não. Assim sendo, não é necessário que a narrativa falsifique a vivência ou experiência de cada um. Ao contrário, a narrativa, forçosamente descritiva, pode dar conta da ação intencional, sendo essa orientada ao futuro, e apoiada em um passado.

Narrativas podem incorporar elementos retrospectivos que não estavam disponíveis a nós mesmos no passado. Mas isso não implica necessariamente em falsificação, pois pode bem ser que a nova descrição que não dá conta da experiência vivida no passado dê o buscado autoentendimento. Pense no caso de um espectador mais velho do seriado *Mad men*, alguém que era sexista nos anos 60, mas não se reconhecia assim. Essa pessoa se projeta nas ações dos

personagens do espetáculo, e se reconhece como sexista. Não era assim que essa pessoa se experimentava, mas o espectador pode agora reconhecer que falsa era sua experiência em tempo real, não sua descrição de hoje da sua experiência do passado. *Mutatis mutandis*, a situação é análoga para o personagem Édipo, da tragédia grega, quem descobre algo fundamental sobre si mesmo ao ver suas ações vividas no passado como incesto e parricídio.

Uma narrativa é via de autoentendimento quando aquilo que é narrado é verdadeiro. Acontecimentos podem ser narrados em uma ordem diferente daquela em que se dão na realidade, mas isso não quer dizer, por si só, que eles não tenham se dado na realidade. Um relato é uma criação verbal, mas mesmo criações verbais podem dizer respeito aos fatos. Há fatos narrados que não estão disponíveis aos personagens que nós somos, que Édipo é. Mas quando esses relatos revelam que vivemos uma grande ilusão, o resultado da narrativa só pode ser autoentendimento e autodescoberta. O que significa que a crítica existencialista da narrativa é cega para o caráter trágico das nossas vidas, as quais no mais das vezes têm sentido por causa de eventos que simplesmente desconhecemos. Uma perspectiva externa, ao ser diferente da minha perspectiva, não é só por isso falsa. O sentido da minha vida pode estar além do horizonte que me é dado.

Recebido em junho de 2016  
Aprovado em setembro de 2016